

INTERVENÇÃO PROFERIDA POR OCASIÃO DO SEMINÁRIO PROMOVIDO PELO INSTITUTO
DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS (IEEI), SOBRE O TEMA
“A ESTRATÉGIA DE LISBOA NUMA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO SEM
FRONTEIRAS”

Lisboa, 1 de Março de 2007

Em nome da Associação Industrial Portuguesa (AIP) e do seu presidente que por motivos alheios à sua vontade não pode participar neste seminário, quero agradecer o honroso convite que o Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais (IEEI) nos endereçou, dando-nos o privilégio de partilhar convosco algumas ideias e transmitir a nossa posição a propósito do relevante e oportuno tema da Estratégia de Lisboa.

Para a AIP é sempre gratificante poder falar da Estratégia de Lisboa atendendo a que sempre se empenhou na sua defesa e implementação, tanto no plano interno, em que anualmente e em parceria com a CIP, realiza um exercício de avaliação e de reflexão sobre a sua aplicação, como no plano da UE e muito particularmente no quadro da BUSINESSEUROPE (ex-UNICE) onde participamos em representação da comunidade empresarial portuguesa. Refira-se que a BUSINESSEUROPE, expressão da comunidade empresarial europeia, tem sido seguramente um dos parceiros sociais que mais se tem empenhado na defesa e implementação da Estratégia de Lisboa, assumindo-a claramente como o grande desígnio estratégico para a Europa numa sociedade do conhecimento sem fronteiras.

A Estratégia de Lisboa consubstancia acima de tudo uma agenda de reformas para a Europa renovar as bases da sua competitividade, aumentar a produtividade, o potencial de crescimento e reforçar a coesão social, estabelecendo como prioridades o conhecimento, a inovação e a optimização do capital humano.

Revemo-nos na refocalização efectuada e nas prioridades políticas estabelecidas depois da revisão intercalar de Julho de 2005 que, como é sabido estruturam-se em torno de três eixos: (i) investir no conhecimento e na inovação como motores do crescimento sustentável; (ii) fazer da Europa um lugar mais atractivo para investir e trabalhar, e, (ii) criar mais e melhores empregos.

Assumir estes desafios significa também o alinhamento da Europa da UE com os padrões mais elevados de exigência face à economia do conhecimento em que cada vez mais vivemos.

É neste quadro que a Estratégia de Lisboa ao funcionar como factor indutor de inovação e competitividade da economia da UE e, consequentemente, de afirmação e projecção na economia global, reforça simultaneamente as condições de atractividade da economia europeia em relação às economias de países terceiros e de outros espaços de integração regional.

Neste sentido, e na perspectiva empresarial, a concretização dos objectivos da Estratégia de Lisboa para além de essencial, é ainda um importante factor de desenvolvimento da cooperação, da internacionalização empresarial e, também, uma condição para o acesso a mercados cada vez mais exigentes.

Poder-se-á argumentar que a Europa da UE se atrasou neste processo face aos objectivos ousados a que se propôs até 2010, visando tornar-se a economia mais competitiva e dinâmica do mundo. Poder-se-á igualmente dizer que lhe faltou liderança política para cumprir esta ambição. Como também se poderá contra-argumentar que a União Europeia encerra dentro de si algumas das economias mais inovadoras e dinâmicas do mundo, porventura aquelas que mais se têm empenhado no cumprimento dos objectivos da Estratégia de Lisboa. Todas estas críticas e constatações terão a sua razão de ser e é importante que reflectamos sobre elas.

Mas, mais importante do que isso, o que importa é olhar para o futuro. E, olhar para o futuro da União e particularmente para a sua economia, para a sua base competitiva, para o emprego e para o seu modelo social, implica assumir em toda a plenitude a Estratégia de Lisboa como o grande projecto modernizador e mobilizador da Europa.

Os custos da não implementação da Estratégia de Lisboa, esses sim, seriam profundamente penalizadores, pondo em causa o seu futuro enquanto actor relevante da cena internacional.

É por isso que, do nosso ponto de vista, a Europa não tem outra alternativa que não seja investir mais e melhor na inovação, no reforço do seu potencial competitivo e

na reforma e renovação do seu modelo social. Estamos convencidos que o terá que fazer com mais intensidade, porque mais do que em qualquer outra região no mundo global, a Europa não terá qualquer hipótese de competir com base em factores competitivos do passado, sejam eles baixos salários ou políticas proteccionistas. Apenas o poderá fazer com base em produtos com elevado valor acrescentado, em processos e serviços que sejam competitivos em mercados abertos e em constante mutação e, naturalmente, com a criatividade necessária que lhe permita explorar novas ideias e conceitos no sentido tecnológico e não tecnológico, conferindo-lhes valor económico no confronto com o mercado.

Cumprir a estratégia de Lisboa é antes de mais um exercício que implica a conjugação de boas políticas públicas e de estratégias empresariais inteligentes, tanto de âmbito europeu, como muito particularmente ao nível de cada Estado e de cada região, envolvendo os actores sociais relevantes, sejam eles da esfera, política, sindical, social, empresarial, nomeadamente as PME, ou outra. Acima de tudo a Estratégia de Lisboa terá que ser a expressão de uma nova postura e de uma nova cultura portadora de futuro, para que, em benefício de todos, a Europa assuma o lugar cimeiro que lhe compete na cena internacional.

A. M.
2007-02-07